



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: o retorno das mulheres à escola

Marlise Rieger*

Ivone de Jesus Alexandre**

RESUMO

O artigo busca evidenciar e compreender como se dão as mobilizações engendradas no contexto de vida das mulheres que retomaram os seus estudos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na cidade de Sinop – MT. A referida pesquisa com as mulheres foi desenvolvida no período de fevereiro a julho de 2011, na Escola Benedito Sant’Ana da Silva Freire onde frequentam o ensino fundamental e médio, por áreas de conhecimento. O método de trabalho foi o estudo de caso etnográfico por ter seu ambiente natural como fonte direta da investigação. A coleta de dados foi feita através do caderno de campo e entrevistas semi-estruturadas com oito mulheres da modalidade EJA. O referencial teórico está baseado no pensamento de Paulo Freire que se empenhou em colocar a concepção pedagógica a serviço dos interesses populares. Outra autora é Cristina Bruchine, que defende a mulher chefe de família, mãe e suas jornadas e Airon Mergár, que define a compreensão do gênero como uma convenção social, histórica e cultural. O resultado dessa pesquisa contempla as mobilizações para retomar os estudos, correlacionando com o trabalho e a família. A libertação das mulheres ampliou sua presença em todos os níveis do ensino o que possibilitou uma participação crescente no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Educação. Educação de Jovens e Adultos. Mulheres. Mobilizações.

1 INTRODUÇÃO

* Acadêmica do 7º semestre do Curso de Pedagogia, *campus* Universitário de Sinop, UNEMAT. Pertence ao grupo de orientação da professora Ivone de Jesus Alexandre.

** Professora formada na UNEMAT/Sinop, em Licenciatura em Pedagogia, com Mestrado em Educação pela UFMT. Professora Assistente, atua na área de Metodologia do Ensino.

Este artigo busca focalizar nas mulheres e como mesmas mobilizam seu processo de escolarização, conciliando com o trabalho, a família e a vida afetiva. Mulheres que participam em turmas da Educação de Jovens e Adultos do Centro de Educação Benedito Sant'Ana da Silva Freire, da cidade de Sinop - MT, que não tiveram a oportunidade de se escolarizar na chamada "idade própria".

O interesse por uma história sobre o gênero mulher foi surgindo aos poucos, devido a um lento processo do papel da família como célula fundamental da sociedade. O número de lares chefiados por mulheres está crescendo cada vez mais e revelando uma posição social cada vez mais ocupada por mulheres no sustento da família.

Buscando com a pesquisa compreender aspectos reveladores de um universo e seus significados, as mobilizações engendradas pelas mulheres para a tomada de decisão e para a construção das condições de retornar a uma escola.

A Educação de Jovens e Adultos enquanto modalidade educacional atende alunos que não tiveram acesso a escolaridade na idade própria, tendo como finalidade e objetivo a formação humana e o acesso à cultura geral, participando politicamente das relações sociais, através do desenvolvimento de sua autonomia.

2 METODOLOGIA

Teve-se por meio deste estudo a intenção de compreender as mobilizações engendradas pelas mulheres para tomada de decisão de retomar os estudos na modalidade EJA. Para essa pesquisa foi utilizado a abordagem qualitativa, que segundo Ludke e André (1986) tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.

Na primeira fase, escolheu-se o local, a partir daí fez-se o processo de inserção no campo da pesquisa, contatos com as mulheres para serem sujeitas da mesma, conhecendo seus espaços socioculturais de convivência e suas relações.

Na segunda fase, além de leituras que abordam teóricos relativos à temática, foram feitas observações, conversas informais, entrevistas semi-estruturadas e partir disso, entender as mobilizações que elas construíram, nos diversos espaços e ambientes de atuação, para um melhor aprofundado e entendimento da realidade dessas mulheres.

Segundo Ludke e André (1986) a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados dentro da perspectiva que desenvolvemos a pesquisa, a grande

vantagem da entrevista sobre outras técnicas é permitir a captação imediata da informação desejada, permitindo correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam muito eficaz.

Na terceira fase dessa pesquisa, foram as organizações para análise do material/dados acumulados durante o processo de investigação, dados coletados e anotados, contendo todos os assuntos que foram abordados durante as conversações e entrevistas semi-estruturadas. As respostas foram organizadas por categorias e a análise se deu mediante comparação com os pressupostos na Proposta Política Pedagógica do CEJA e na Proposta Curricular para EJA bem como autores que falam sobre o assunto proposto. Com a intenção de validar nossa análise, é importante considerar todos os diferentes pontos da vista, é claro com cautela, discutindo e confrontando com outros pesquisadores.

Selecionando os aspectos mais relevantes e a determinação de recortes a partir de uma visão predeterminada da realidade procuramos compreender os aspectos ricos e previstos que envolvem uma determinada situação, entendendo que o estudo de caso deve ter uma escolha da situação estudada, citado por Ludke e André (1986, p.23) “o estudo de caso parte do princípio de que o leitor vá usar esse conhecimento tácito para fazer novas generalizações e desenvolver novas idéias, novos significados, novas compreensões”.

Para entendermos as razões pelas quais as mulheres mobilizam-se para retornar ao espaço escolar EJA, em diferentes períodos, oito mulheres foram escolhidas para compor essa pesquisa, todas com mais de dezoito anos fora da sala de aula e com mais de trinta anos de idade. As oito mulheres com diferentes graus de escolaridade, do ensino fundamental ao médio, com diferentes convívios sociais, sendo elas casadas, solteiras, separadas e viúvas. Todas deixaram de estudar ainda na adolescência, por motivos variados e quase todas constituíram família, moram em bairros da cidade e trabalham como secretárias do lar, órgão público, autônomas e artesãs.

A mulher está conquistando sua independência e reagindo ao papel de submissa, querendo conquistar seu espaço na sociedade, na busca da satisfação pessoal e realização de seus anseios. Mas para que isso aconteça, as mulheres tiveram que construir uma disposição para enfrentar as dificuldades que muitas vezes encontram ao retomar os estudos. Elas se manifestam no sentido do retorno aos bancos escolares, como uma possibilidade de acesso a uma profissão, pois elas acreditam que o estudo é à base do conhecimento.

Partindo desta premissa, a escolarização da mulher contemporânea principalmente àquelas das classes menos favorecidas é fator decisivo nas resoluções de seus problemas cotidianos, seja na administração do lar, no auxílio de atividades educacionais dos filhos e no

relacionamento com o marido, seja no que se refere do ponto de vista econômico ou até mesmo profissional.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O início da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é marcado pela descontinuidade e ineficácia de inúmeras políticas públicas, ao longo da história, que nunca chegaram a atender as reais necessidades. A Educação de Jovens e Adultos passou por vários movimentos, crises e reformas. No século XX a EJA ganha força e amplia-se tomando a forma de campanha Nacional de Massa.

Neste cenário de crises, Paulo Freire inspirou os Programas Educacionais de Alfabetização do Brasil com seus pensamentos e sugestões. Sua proposta é voltada para uma educação democrática e libertadora, partido do conhecimento já adquirido pelo aluno em seu cotidiano. Paulo Freire ganhou grande repercussão na época por seu método centrar-se na adaptação de ensino com as características reais do meio, a qual trabalhava por meio de palavras geradoras, palavras que representava algum significado da realidade vivenciada por esses alunos. Piletti (2000, p.107) nos diz que:

A discussão das situações sugeridas pelas palavras geradoras permitia que o indivíduo se conscientizasse da realidade em que vivia e de sua participação na transformação da realidade, o que o tornava mais significativo e eficiente o processo de alfabetização. Era o próprio aluno que se educava, orientado pelo coordenador de debates (o professor), mediante a discussão de experiências de vida com outros indivíduos que participavam da mesma experiência.

Com a proposta de Paulo Freire, por volta de 1960, a educação brasileira adquiriu um novo panorama, pois, outros programas educacionais inspiraram-se no método de ensino freireano. Paulo Freire (1989, p. 30) nos relata que:

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica das palavras doadas pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que revelavam a realidade, agora pelo contrario, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um espaço de leitura do mundo e da palavra.

Por volta de 1964, a proposta de Paulo Freire foi interrompida pelo golpe militar. A partir daí o governo assume o controle da educação com uma metodologia assistencialista e conservadora, o oposto aos princípios da proposta de Paulo Freire.

O Estado do Mato Grosso, em pleno desenvolvimento socioeconômico, com uma população em busca de escolarização e complementação dos estudos, implantou o programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) para as escolas do Estado no ano de 2002. Em 2008 a Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso criou através do decreto nº1158, os Centros de Educação de Jovens e Adultos (CEJAs) que oferecem aos jovens e adultos o direito de retomarem seus estudos, tendo a possibilidade de organizar seus tempos de estudo a partir de sua organização de vida e trabalho. No município de Sinop, o Centro Educação de Jovens e Adultos (CEJA) está presente desde 2009, para oportunizar os jovens e adultos a adquirir os conhecimentos formais.

A questão do gênero, baseada nas diferenças sexuais, pode ser compreendida como uma convenção social, histórica e cultural. Mergár, (2006, p. 79) em sua tese de mestrado destaca que “as relações de poder entre os gêneros, da mesma forma que os significados, os valores, os costumes e os símbolos, divergem através das culturas”.

Segundo Vasconcelos (2005, p.8) foi somente no século XVIII, que a mulher foi reconhecida como a guardiã da infância e sua imagem mais do que nunca, era um exemplo a seguir, com a tarefa de ser boa mãe, esposa e dona de casa, sendo assim, o exemplo ideal de mulher. A vigilância em torno da mulher era necessária para resguardar a virgindade, a fidelidade e a honra, do pai, irmãos e posteriormente do marido.

Atualmente muitas mulheres atuam no mercado de trabalho, elas quebraram barreiras e possuem direitos e deveres iguais aos dos homens. De qualquer modo, a mulher continua em termos financeiros ganhando menos do que o homem, e, continua com várias funções de trabalho em suas jornadas. Bruschini, (1981, p.40) diz que:

É preciso não esquecer que as mulheres chefes de família costumam ser também ‘mães-de-família’: acumulam uma dupla responsabilidade, ao assumir o cuidado da casa e das crianças juntamente com o sustento material de seus dependentes. Essa dupla jornada de trabalho geralmente vem acompanhada de uma dupla carga de culpa por suas insuficiências tanto no cuidado das crianças quanto na sua manutenção econômica.

O número de lares chefiados por mulheres vem crescendo muito no Brasil, revelando uma posição social cada vez mais ocupada por mulheres no sustento da família, caracterizando arranjos familiares que até então desconhecidas ou pouco confirmadas. A mulher deixou de ser apenas uma parte da família para se tornar o comandante dela.

A educação tem um papel importante, sem dúvidas, determinante para a emancipação da mulher na sociedade. Todavia, cada vez mais as mulheres buscam retomar a trajetória escolar, nos diversos níveis de ensino, como forma de reinserção na complexa sociedade em

que vivemos. Segundo consta no Relatório Jacques Delors (2001, p.197) “igualdade de acesso às mulheres à educação, eliminar o analfabetismo feminino, melhorar o acesso das mulheres à formação profissional, ao ensino científico e tecnológico e à educação permanente”.

4 ANÁLISE DE DADOS

Analisando as respostas das mulheres, notamos que estas retornaram a escola por se depararem com dificuldades no meio social, e buscam oportunidades para melhorar de vida, através da escolarização. Para as mulheres que moram nos sítios, a participação no mundo do trabalho começa na infância, acompanhando os pais e irmãos na labuta diária, muitas vezes desmotivados pelas grandes distancia e condições precárias para a escolarização.

A maior parte dos impedimentos refere-se às necessidades econômicas que estas mulheres tiveram na infância que as obrigaram a se inserir no mercado de trabalho. Por outro lado, o preconceito relacionado ao estudo para o público feminino, que na época não era visto como essencial, sendo considerado como importante o aprendizado voltado apenas para os afazeres domésticos e a escolarização teve um papel secundário. As discussões acerca da evasão escolar, em parte, têm tomado como ponto central de debate o papel tanto da família quanto da escola em relação à vida escolar da criança. No que tange à educação, a legislação brasileira determina a responsabilidade da família e do Estado no dever de orientar a criança em seu percurso sócio-educacional.

Sendo assim, o que se observa que a educação não tem sido plena, no que se refere ao alcance de todos os cidadãos, assim como no que se refere à conclusão de todos os níveis de escolaridade. Essas desigualdades sociais estão presentes na sociedade brasileira, segundo Arroyo (1991, p.21), é resultante das ‘diferenças de classe’, e são elas que ‘marcam’ o fracasso escolar nas camadas populares. Assim, a família foi apontada como um dos determinantes do fracasso escolar da criança, seja pelas suas condições de vida, seja por não acompanhar o filho em suas atividades escolares.

Após um longo período, as mulheres sentiram a necessidade de retomar os estudos para conseguir uma qualificação que lhes garanta um emprego melhor. Nesse retorno, muitas vezes percebem a incompatibilidade de conciliar as duas ou três jornadas (emprego, doméstico, estudo), isso sem contar da atenção que a família exige (marido e filhos). Mesmo cientes da importância da continuidade dos estudos, priorizam muitas vezes o trabalho porque é fonte de renda e sobrevivência, e muitas vezes os estudos são para cumprir com as

exigências do emprego. Em Klein (2003, p. 11) podemos encontrar referência sobre quem é o aluno da EJA:

Os alunos da educação de jovens e adultos apresentam, via de regra, características próprias: são, majoritariamente, trabalhadores (às vezes desempregados) ou filhos de trabalhadores que vivem uma condição socioeconômica que determina inúmeras restrições. Entre estas, encontra-se, evidentemente, a própria possibilidade de eles se enquadrarem nas exigências do modelo escolar regular, bem como a emergência de interesses imediatos específicos, marcados pela busca de mecanismos de sobrevivência.

Para o retorno escolar, as dificuldades que essas mulheres passam entre o mundo do trabalho e familiar, algumas mudanças de ajustes nas suas casas, pois são desafios enfrentados quase diariamente, e muitas vezes não são compreendidas pelos filhos, maridos ou pela própria família. As mobilizações que elas mesmas produzem, não foi simplesmente uma decisão de voltar a estudar, mas foi pensando em si, num futuro melhor. É claro que essas mudanças não aconteceram de noite para o dia, passaram-se meses, ou até anos em alguns casos para conseguir se organizar com a família, com os afazeres da casa e do trabalho para acontecer esse retorno.

Dentro do contexto, as mulheres que voltaram a estudar depois de algum tempo fora das salas de aula, dando a si mesmo a chance da libertação da própria identidade e expressão, em suas mobilizações agendradas para acontecer esse retorno.

Freire (1990, p. 123) afirma:

Mas a libertação das mulheres é a luta delas. Elas precisam criar sua própria língua. Tem de exaltar as características femininas de sua língua, apesar de terem sido socializadas para dissimulá-la e para encará-la como fraca e indecisa. No processo de sua luta, tem que usar sua própria língua e não língua dos homens. Creio que essas variações de língua (língua feminina, língua étnica, dialetos) estão intimamente interligadas com a identidade, coincidem com ela e são sua expressão. Ajudam a preservar o senso de identidade e são absolutamente necessárias no processo da luta pela libertação.

O processo de conscientização e a disposição de transformação da realidade devem constituir-se como base interação e troca, que pensa, sente e age. A passagem das mulheres pela escola representa não apenas a mera aquisição de conhecimentos e habilidades, e sim conquistas referentes à sua socialização e a representação de si mesmo, tornando-as mais seguros e confiantes, aumentando sua autoestima.

Alcançando assim um dos objetivos da Educação de Jovens e Adultos, apresentados pela Proposta Curricular de Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 1997, p. 48): “Aumentar a autoestima, fortalecer a confiança na sua capacidade de aprendizagem, valorizar a educação como meio de desenvolvimento pessoal e social”. Assim em relação do Projeto

Político Pedagógico no CEJA, Benedito Sant'Ana da Silva Freire nos diz que: “aumentar a autoestima, fortalecer a confiança na sua capacidade de aprendizagem, valorizar a educação como um meio de desenvolvimento pessoal e social. Exercitar sua autonomia pessoal com responsabilidade, aperfeiçoando a convivência em diferentes espaços sociais.

Uma característica freqüente das mulheres que ingressam numa sala de EJA é sua baixa autoestima muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar, ou até mesmo a solidão de ficar em casa enquanto os outros membros da casa estão estudando, ou trabalhando, quando retornam estão cansados e não lhe dão a atenção devida. Essas mulheres retornam à sala de aula revelando uma auto-imagem fragilizada expressando sentimentos de insegurança e desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem.

É um dever do Estado e um direito do cidadão pelo menos concluir o ensino fundamental, e nós entendemos a necessidade de concluir a educação básica.

As expectativas que as mulheres criaram para o retorno escolar comparando com a Proposta Curricular de Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 1997, p. 42), [...] “vontade mais ampla de ‘entender melhor as coisas’, ‘se expressar melhor’, de ‘ser gente’, de ‘não depender sempre dos outros’”. Para essas mulheres a escola aparece como um direito roubado nos tempos das brincadeiras infantis e resgatado hoje a para as oportunidades de trabalho, convivências com novas pessoas e satisfazer os sonhos pessoais.

Essas mulheres buscam na escola mais do que conteúdos prontos a serem reproduzidos, como cidadãs elas querem se sentir ativas e participativas e algumas sonham em conseguir freqüentar uma faculdade. Buscando assim alcançar um dos objetivos gerais propostos pela Proposta Curricular de Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 1997, p. 48): “Incorporar-se ao mundo do trabalho com melhores condições de desempenho e participação na distribuição da riqueza produzida”. “Ter acesso a outros graus ou modalidades de ensino básico e profissionalizante, assim como a outras oportunidades de desenvolvimento cultural.”

5 CONCLUSÃO

Pensar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é pensar Paulo Freire, ambos se tornam sinônimos quando se busca a educação de qualidade para os sujeitos que estão inseridos nesta modalidade. É propiciar uma transformação, de forma que elas se vejam como sujeitas ativas do processo educacional.

De modo geral, acredita-se que a proposta da EJA procura reverter o quadro de exclusão, proporcionando a oportunidade para muitos que buscam com muito esforço, apesar

de todas as dificuldades, adquirirão conhecimentos que os possibilitará exercerem sua cidadania com plenitude, pois para estes a educação é muito mais que a realização de um sonho, é a chance de voltar a sonhar. Na pesquisa vimos que por muitos anos as mulheres tiveram uma educação diferenciada, mas lutaram e conseguiram sua liberdade conquistando o mesmo direito dos homens.

Esta melhora está relacionada ao âmbito das suas relações cotidianas, com seus familiares, na sua comunidade, na igreja, nas relações com os amigos e nas relações com todos que os cercam, pois a partir do momento que adquire, os conhecimentos sistematizados acumulados pela sociedade e mediados através da relação aluno- professor-escola a sua auto-imagem se transforma, estas mulheres tornam-se mais preparadas e confiantes, deixam o medo de lado e são capazes de exprimir os seus pensamentos, as suas vivências e as experiências acumuladas durante seu longo período de vida.

YOUNG AND ADULT EDUCATION: the returning of women to school

ABSTRACT¹

The article seeks to evidence and understand how if give the mobilizations engendered in the context of life of women who resumed her studies in Young and Adults Education (YAE) in the town of Sinop – MT. The research was developed with women in the period from February to July 2011 at Benedito Sant’Ana da Silva Freire School, where attend the elementary and high school, by areas of knowledge. The work method used was the ethnographic case study, per having its natural environment as a direct source of research. The collection was done though the field notebook and semi-structured interviews with eight women of YAE. The theoretical referential is based on thought of Freire Paulo Who tried to put the pedagogical conception the service the educational interests of people. Another author is Bruchine Cristina, Who defends the woman, head of family, mother and her journeys and Airon Mergár who defends the understanding of gender as social convention, historical and cultural. The result of this research includes the mobilizations to resume the studies, correlating with the work and the family. The liberation of women has expanded its presence in all levels of education which enabled an increasing participation in the labor market.

¹ Transcrição realizada pela acadêmica Rosinéli Cassini, do Curso de Letras – UNEMAT/Sinop e revisão pela professora Catichilene Gomes de Sousa, da E.E Nova Chance – Sinop/MT. (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

Keywords: Education. Young and Adult Education. Women. Mobilizations.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Trabalho: educação e teoria pedagógica. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Educação e crise do trabalho:** perspectivas de final de século. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASL. Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008. **Altera dispositivos da Lei no 9.394/96 para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 02 de set. 2010.

BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila. (Org.) **Novos Olhares:** mulheres e relações de gênero no Brasil. São Paulo: Marco Zero. Fundação Carlos Chagas, 1994.

DELORS, Jacques. **Educação:** um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2000.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização:** leitura da palavra leitura do mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

KLEIN, Ligia Regina. **Alfabetização de Jovens e Adultos:** questões e propostas para prática pedagógica na perspectiva histórica. Brasília: Universa, 2003.

MERGÁR, Arion. **A representação social do gênero feminino nos autos criminais na Província do Espírito Santo (1853-1870).**2006. 160 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2006.

PILLETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil.** 6.ed. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

VASCONCELOS, Tânia Mara Pereira. A Perspectiva de gênero redimensionado a disciplina histórica. **Revista Ártemis**, n. 03, dez., 2005 (A), p. Disponível em: <<http://www.prodema.ufpb.br/resvistaartemis>>. Acesso em: 11 dez. 2010.